



FORMAÇÃO DO LEITOR E LITERATURA

Uma proposta do método recepcional através do conto "Tchau" de Lygia Bojunga Nunes

Tamiris Ribeiro Cominato
tamirisrs2003@yahoo.com.br

Palavras-chave: Formação de leitores; Literatura Infantil; Método Recepcional; Conto Tchau.

RESUMO

A intenção deste artigo é apresentar uma breve análise sobre a leitura literária no âmbito escolar, apontando alguns posicionamentos acerca das práticas de leitura na escola, mais especificamente do ensino de literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Propõe-se o Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993) como suporte metodológico na formação de leitores literários, além de apresentar sugestões de trabalho com o conto "Tchau" de Lygia Bojunga Nunes, partindo da sequência didática do Método Recepcional, com vista na formação de leitores competentes.

INTRODUÇÃO

O desejo específico de estudar a recepção da Literatura Infanto-Juvenil, seu ensino e sua prática, surgiu a partir das experiências que tive durante as aulas no primeiro semestre do ano de 2012 que abordaram sucintamente o tema, e também ao perceber durante meus estágios que os professores atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental por vezes não possuem formação específica para o trabalho com textos literários, que contribuem tanto para a formação intelectual, quanto, social do educando.

Partindo desta perspectiva, o artigo trás em um primeiro momento reflexões acerca da importância e necessidade do trabalho com literatura infantil no ambiente escolar, em seguida propõe a Teoria da Estética da Recepção, mais especificamente o Método Recepcional de Bordini e Aguiar como suporte metodológico na formação de leitores literários. Apontando por fim sugestões de atividades para o trabalho com o método recepcional tendo como base o conto "Tchau" de Lygia Bojunga Nunes. O conto foi escolhido pelo seu conteúdo temático, baseado pelo conflito de amor X separação, essa obra é marcada pelas relações sociais e familiares e por sua verossimilhança com a realidade das crianças, geralmente surpreendendo o leitor ao desafiar o padrão, desconstruindo estereótipos estabelecidos pela história social das relações e que foram interiorizados pelas crianças através dos contos clássicos que possuem sempre o final feliz.

1- FORMAÇÃO DO LEITOR: ALGUNS CONCEITOS QUANTO AO ENSINO DE LITERATURA

A leitura, ou a falta dela, tem se constituído como uma preocupação que vai além dos muros escola-

res. Entretanto, a escola tem a responsabilidade de formar leitores que não apenas gostem de ler, mas que estabeleçam uma relação de entendimento com o texto lido.

A leitura como produtora de sentidos é dialógica e acontece nas relações estabelecidas entre o leitor e o texto, compreendendo também o contato com textos variados, produzidos nas mais diferentes esferas sociais.

Diante disso, sendo a escola um dos órgãos responsáveis pela formação leitora, cabe a ela proporcionar ao aluno o contato com obras literárias, para que assim possa formar leitores literários.

No que se refere à formação escolar do leitor, Bordini e Aguiar (1993, p.16), ressaltam que:

[...] Se a escola não efetua o vínculo entre cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Portanto, a preparação para o ato de ler não é apenas visual-motora, mas requer uma contínua expansão das demarcações culturais da criança e do jovem [...].

A obra literária não está fixa somente ao contexto original de sua produção, há uma intertextualidade através dos temas e das épocas diferentes, há o diálogo entre a obra literária, seu receptor / autor, isso mostra o quanto ela é ativa e está sempre em transformação.

Dessa forma, é fácil entender como a função específica do texto literário tem sido ignorada no contexto escolar e, seu ensino, conduzido de forma tão equivocada. Isso acontece, porque a leitura literária na escola se baseia na superficialidade de estudos descontextualizados, já que os professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental, em sua grande maioria, não possuem formação específica para o trabalho com literatura infantil, o que compromete o seu entendimento quanto ao valor estético das obras, utilizando-as, muitas vezes como pretexto para alcançar outros objetivos.

Candido (1995) denomina a literatura de uma maneira simples, mas, sobretudo no seu sentido amplo, pois a considera um direito universal, que precisa ser satisfeito, tornando-se elemento indispensável para o processo de humanização dos sujeitos.

[...] podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. (CANDIDO 1995, p.175)

É importante destacar o papel da literatura na sociedade como um instrumento de instrução, educação, valores. Além disso, as suas obras, suas manifestações, nos levam a refletir sobre a realidade, nos fazem sonhar, viajar.

Segundo Matsuda (2003), “[...] Embora todos os gêneros de textos sejam importantes, nota-se a pertinência de desenvolver um trabalho com o texto literário, pois se todos os textos favorecem a descoberta de sentidos, os literários fazem de modo mais abrangente”.

Somente o texto literário dá conta da totalidade, pois como afirma Bordini e Aguiar (1993, p.13). “a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla”.

Para que o professor seja o mediador deste processo, é preciso que estude o texto e seja capaz de reconhecer, relacionar e significar seus constituintes e funções. Dessa forma, a mediação de leitura pauta-se no respeito à natureza do texto, objeto de linguagem que permite ao leitor inserir-se na obra, respeitando os aspectos relativos ao leitor, como o seu repertório.

Ferreira (2009) ressalta ainda que muitos professores não são leitores e muito menos incentivam os alunos à leitura ou a visitas a bibliotecas. Fato este que justifica o porquê de muitos alunos considerarem a biblioteca como um ambiente monótono. Em se tratando do ensino da leitura de obras literárias, Bordini e Aguiar destacam algumas questões que cabem à escola cumprir:

[...] uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura [...]. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.17).

Além de uma biblioteca aparelhada, e de professores leitores, como afirmaram as autoras acima, podemos considerar que há outro requisito fundamental para a formação de leitores, a seleção de textos. Segundo Bordini e Aguiar (1993, p.18), “O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele”.

Neste sentido, Quanto ao critério de seleção, tem que se levar em conta a idade das crianças, pois o interesse do aluno pela leitura muitas vezes varia devido à escolaridade e sexo.

De acordo com Azevedo (2004, p.39), para formar um leitor competente é necessário que haja uma interação entre este e o texto, e que essa interação

esteja “baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação”. Pensando nessa motivação e no papel da escola na formação do leitor, percebe-se a necessidade de um método para atender e ampliar o conhecimento e o gosto pela leitura dos alunos. No entanto, para que isso aconteça, os docentes precisam repensar sua prática pedagógica em relação ao ensino da literatura, pois, para formar leitores competentes, críticos, o professor tem que ir além da formação do hábito de ler, do modo tradicional de ensino, alicerçado em atividades repetitivas e, sobretudo, baseado no livro didático.

O atual cenário acerca do ensino da literatura na escola indica a necessidade de uma metodologia, de um projeto de leitura que tenha como objetivo a formação de leitores literários.

2- LITERATURA E O MÉTODO RECEPCIONAL

O campo dos estudos literários passou a tematizar a relação entre leitura e literatura de modo mais profundo a partir do século XX, dando ênfase ao novo redimensionamento das concepções sobre autor, texto e leitor.

Partindo dos estudos sobre a linguagem (pragmática, teoria da enunciação, análise do conto) que passaram a desconsiderar o texto como transmissor das ideias do autor, o leitor passa a ser considerado o principal elemento no processo de leitura. E é neste contexto que surgem as teorias baseadas no aspecto recepcional, como aponta Zappone (2005, p.154):

Ao comentar sumariamente o desenvolvimento da moderna teoria literária, Eagleton (1989, p.80) sugere três grandes fases: a primeira, marcada pelos modelos da crítica romântica, que teria vigorado até meados do século XIX, e cuja tônica residia nos estudos biográficos do autor, sendo a obra literária o fruto de uma genialidade. O segundo momento estaria delimitado as primeiras décadas do século XX e seria marcado pela excessiva preocupação com o texto, como se pode notar nas tendências tanto do formalismo (ênfase nas estratégias verbais que faziam de um texto literatura) quanto do New Criticism (ênfase nas relações entre o traço linguístico e as consequências destes no sentido do texto, uso de técnicas de leitura cerrada dos textos). O terceiro momento abarcaria certas tendências mais contemporâneas de estudos literários que privilegiavam a figura do leitor, como a Estética da Recepção em suas várias vertentes.

Desse modo, Zappone (2005) caracteriza três linhas de abordagem das teorias da recepção: A teoria recepcional, Reader (Response Criticism), a sociologia da leitura e os estudos baseados em Jauss, cujas ideias são conhecidas sob a rubrica da Estética da

Recepção, a qual este artigo se refere, colocando o leitor e a leitura como elementos privilegiados nos estudos literários.

A Estética da Recepção surge a partir das considerações teóricas realizadas por Hans Robert Jauss, em 1967, na Universidade de Constança, mais especificamente na palestra intitulada: “O que é e com que fim se estuda a história da literatura?” Esta foi publicada dois anos depois com o título de “A história da literatura como provocação à teoria literária”, em que o autor critica a maneira pela qual a teoria literária vem abordando a história da literatura, considerando os métodos de ensino, até então, tradicionais, e propondo reflexões acerca dos mesmos (ZILBERMAM, 1989).

A crítica de Jauss (1994) à história da literatura, baseia-se no fato de que, em sua forma habitual, a teoria literária deixa de contemplar a historicidade das obras, desconsiderando, portanto, o lado estético da criação literária. Este lado não resulta das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade.

De acordo com Zilbermam (1989), Jauss concebe a relação entre leitor e literatura baseando-se no caráter estético e histórico da mesma. O valor estético, para o autor, pode ser comprovado por meio da comparação com outras leituras, e o valor histórico, através da compreensão da recepção de uma obra a partir de sua publicação, assim como pela recepção do público ao longo do tempo. A autora apresenta ainda as sete teses que fundamentam a teoria da recepção de acordo com Jauss.

A **primeira tese** trata da relação dialógica entre texto e leitor: Um texto nunca é monológico ou atemporal, pois sempre ocorrerá uma dialogia e uma resignificação no ato da leitura.

Na **segunda tese**, Jauss comenta sobre o saber prévio. A obra literária se reporta ao já conhecido. Uma obra constitui eco de outras e isso despertará expectativas no leitor.

Na **terceira tese**, há a referência à reconstituição do horizonte de expectativa: o que determina como a obra foi recebida pelo público leitor.

Na **quarta tese**, refere-se à relação dialógica do texto relacionado à diferença de compreensão que a obra suscitou na época em que surgiu, e no momento presente de sua leitura.

Na **quinta tese**, se discute a leitura de um texto literário sob o enfoque diacrônico, conhecido como a linha do tempo.

A **sexta tese** compreende a obra literária sob o

enfoque sincrônico que engloba o momento de cada época, tendo um entendimento de leitura.

Na **sétima tese**, Jauss comenta sobre o caráter emancipatório da obra literária que, ao apresentar uma nova realidade, rompe com os horizontes de expectativa do leitor, facultando a este a possibilidade de se formar como leitor crítico e, desta forma, desenvolver novos caminhos para diversas ações futuras.

Diante deste contexto, Bordini e Aguiar, ao discutir o ensino de literatura, propõem, como uma das alternativas metodológicas, o Método Receptional. Entendendo que:

A literatura não se esgota no texto. Complementa-se no ato da leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Esse, porém, pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. O processo de recepção textual, portanto, implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 86).

Surge, então, como suporte metodológico para a formação de leitores de literatura o “Método Receptional”, de Bordini e Aguiar (1993). Esse método propõe que sejam desenvolvidas algumas etapas para detectarmos os horizontes de expectativas dos alunos em relação à Literatura, e logo em seguida ampliá-los. As autoras enfatizam que o método receptional só será sucesso se forem alcançados os objetivos propostos com relação ao estudante, que seria de ler, compreender e interferir nos textos; ser aberto a novas leituras; de acordo com o seu universo, analisar os textos lidos; mudar seus horizontes de expectativas e também dos que o rodeiam.

Para que o método seja eficaz e o aluno alcance uma postura mais consciente quanto à Literatura, os textos selecionados devem referir-se ao universo do aluno e, em seguida, precisam romper com ele. Deve-se desenvolver a reflexão, transformando o aluno em um agente de aprendizagem, que dará continuidade ao processo, enriquecendo-se intelectualmente. Sendo assim, Bordini e Aguiar (1993, p. 144) especificam cinco passos para trabalhar literatura de acordo com o Método Receptional:

O primeiro passo seria a determinação do horizonte de expectativa do leitor, ou seja, um momento de verificação de interesses, para prever as estratégias seguintes.

A etapa seguinte consiste no atendimento do horizonte de expectativas, de modo que o professor possa proporcionar aos alunos experiências com

textos literários que satisfaçam as suas necessidades iniciais quanto ao objeto escolhido e as estratégias de ensino.

A terceira etapa refere-se à ruptura do horizonte de expectativa, através da introdução de textos que desestruturam as certezas dos alunos.

Na próxima etapa ocorre o questionamento do horizonte de expectativa em decorrência das duas etapas anteriores.

Como resultante da reflexão entre leitura e vida, em que os alunos tomarão consciência das alterações e aquisições obtidas durante o processo, encontra-se a última etapa, a ampliação do horizonte de expectativa.

Matsuda (2008) acredita que trabalhar com o Método Recepcional a partir das bases teóricas da estética da recepção contribui para que se possa formar o leitor crítico, com competência para ler e compreender uma obra esteticamente bem elaborada.

3- PROJETO EM AÇÃO: SUGESTÕES DE ATIVIDADES COM O CONTO “TCHAU” COM BASE NO MÉTODO RECEPCIONAL

Neste momento pretende-se apresentar sugestões para o trabalho com literatura infantil, tendo como base a Teoria da Recepção e o Método Recepcional.

3.1 Determinação do horizonte de expectativa:

O professor questiona os alunos sobre o que gostam de ler. Observa e ouve com atenção seus relatos e os convida a ler o livro com que mais se identificam, apresentando o título, o autor e o assunto. Durante a leitura, o professor circula entre eles fazendo um levantamento das suas preferências e sobre quais livros já lhes foram apresentados. Como o projeto se aplica a alunos de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, supõe-se, hipoteticamente, que os livros de contos clássicos que possuem finais felizes tenham atraído um maior número de leitores. Faz-se um levantamento do que os alunos esperam dos contos de fada tradicionais e qual suas opiniões sobre eles.

3.2 Atendimento do horizonte de expectativa:

A partir disso, o professor seleciona alguns livros de conto de fadas, tendo o cuidado com a seleção de obras já conhecida por eles, mas que não perdem o encantamento provocado pela sua essência mágica. Embora o conto de fadas possua a mesma estrutura básica de uma narrativa literária, caracterizada pela passagem de uma situação inicial de equilíbrio a outra de desequilíbrio e, assim, sucessivamente, sua diferença reside na transformação de uma persona-

gem desencadeada pela intervenção de um auxílio mágico que coloca tudo nos seus lugares.

O final feliz se concretiza ao término da narrativa, quando o herói geralmente masculino, graças ao seu caráter, assegura o triunfo da virtude. É esta circularidade, o final feliz, a fonte de conflitos e dissimulação dos personagens, que tornam o conto de fadas mais atraente para o leitor infantil.

Assim, seguem sugestões de leituras:

- Os contos de Grimm - Jakob Grimm e Wilhem Grimm
- Harry Potter e a pedra filosofal- J. K. Rowling
- Reinações de narizinho- Monteiro Lobato
- Vice e versa ao contrário- Heloisa Prieto

Em seguida, o professor promove um debate sobre o livro lido, onde se discutam questões relativas ao conteúdo da estória apresentada e lida coletivamente. Verificam o comportamento das personagens, se é passiva ou ativa diante dos fatos, as intenções e ações do personagem antagonista, as soluções encontradas pelos heróis, que tipo de donzela encontra-se na estória, levando as crianças a analisar mais profundamente as características dos personagens, se os alunos se identificam com os personagens e quais suas opiniões sobre eles.

3.3 Ruptura do horizonte de expectativa:

Com o término das discussões acerca da estória e de seu desfecho os alunos serão submetidos a uma leitura individual ou coletiva do conto “Tchau” de Lygia Bojunga Nunes. Antes da leitura ser realizada, convém apresentar a turma o livro e a autora, questionando se alguém já a conhece.

O conto trata da estória de uma mãe que decide se separar do marido e dos dois filhos, para ir embora do país com o amante por quem havia se apaixonado. A personagem Rebeca filha mais velha e protagonista da narrativa, tenta durante todo o texto convencê-la a desistir. Uma tentativa em vão, pois diferentemente dos contos de fada tradicionais, onde os finais felizes prevalecem, a mãe decide ir embora.

Em seguida, realiza-se uma entrevista coletiva sobre o texto, a fim de abrir espaço e criar condições para que os alunos possam expressar suas primeiras impressões sobre o mesmo, levando-se em consideração que o bom leitor é aquele que consegue fazer inferências por meio de experiências anteriores, de modo a trazer a tona sua vivência individual, sua cultura, valores, uma vez que os valores que circulam nos textos trazem marcas sociais históricas e ideológicas.

A obra vem romper com a tradição de histórias em que a família deve aparecer com o modelo de constituição social, desconstruindo o horizonte de expectativas preexistentes dos alunos e construindo novos horizontes de expectativas suscitados pela obra. A partir do cuidadoso trabalho artístico de

obras literárias, provoca-se, no leitor, a elaboração de novas ideias ou comportamentos frente às situações cotidianas, levando o professor a compreender o modo específico de cada aluno em seu relacionamento com a leitura,

3.4 Questionamento do horizonte de expectativas:

Terminada a leitura do conto “Tchau”, o professor convida os alunos para um debate sobre o conteúdo temático, questionando-os sobre o que acharam da obra, dos personagens, da atitude da mãe, da sensação da personagem Rebeca, apresentando uma nova questão para turma: será que a mãe não tinha direito de buscar sua felicidade?

Outra atividade a ser desenvolvida poderia ser o gênero entrevista onde os alunos poderão expor suas considerações acerca da temática através dos questionamentos do outro. Também mostra-se interessante propor um júri, onde metade da turma tente defender a mãe, enquanto, o restante da turma levanta os pontos negativos da sua atitude. Além disso, podem-se discutir as diferenças dos contos tradicionais com o conto “Tchau” em toda a sua contemporaneidade.

3.5 Ampliação do horizonte de expectativas:

As discussões anteriores possivelmente levaram os alunos a refletirem sobre o tema abandono. Neste momento, o papel do professor, mediador da ampliação das expectativas das crianças, proporciona um contato mais detalhado em que se pode trabalhar outros gêneros textuais, como por exemplo, a produção do bilhete da Rebeca para o pai, de uma notícia de jornal, músicas que abordem a temática, pesquisa sobre a incidência de abandono de menores na cidade e região, produção uma reportagem de jornal dispondo de todas as informações coletadas, entre outras.

Bordini e Aguiar (1993) afirmam, ainda, que o método recepcional evolui como uma espiral e, portanto, o final desta etapa é o início de uma nova ampliação do método.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado teve como objetivo apontar algumas possibilidades para se formar leitores competentes dentro do espaço escolar, se beneficiando das pesquisas de Bordini e Aguiar no que tange ao trabalho com a Estética da Recepção a partir de textos literários. Deste modo dispôs da aplicação do Método Recepcional com o conto “Tchau” de Lygia Bojunga Nunes.

A obra literária de acordo com o Método Recepcional só se concretizada no ato da leitura, pois depende das interpretações e do conhecimento de mundo de cada leitor. Da mesma maneira, a interação primeiramente estabelecida entre leitor e ficção se dimensiona, transformando-se, depois, em uma interação

entre o leitor e o mundo que o rodeia. Afinal, quantas situações semelhantes às vividas pelas personagens não encontramos à nossa volta? É este tipo de aproximação entre o leitor e obra que o torna cada vez mais um leitor fluente e crítico.

Se levarmos em consideração que muitos dos alunos que chegam as escolas da rede pública possuem pouco, ou quase nenhum contato com textos literários, percebe-se a necessidade real de se proporcionar a eles o acesso a obras que contribuam para a formação de significados, valores e do desenvolvimento intelectual dos mesmos.



Tamiris Ribeiro Cominato
tamirisrs2003@yahoo.com.br

Licenciada em pedagogia pelo Instituto Educacional de Assis- IEDA, pós-graduada em Alfabetização e Letramento: literatura e formação do leitor pela Universidade Estadual do Norte do Paraná- UENP (Campus Cornélio Procópio), professora da Rede Básica de Educação municipal de São Paulo - SP.

BARBIERI, Stela. Interações: Onde está a arte na infância? Ed. Edgard Bluter. São Paulo, 2012

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília, 2013

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação. Brasília, 1998

DORNELLES, L.V. Na Escola Infantil todo Mundo Brinca se Você Brinca.

CRAIDY, C; KAERCHER. G. E. Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: ArtMed, 2001, p.101-108.

DEVRIES, Constance Kamii Rheta. O Conhecimento Físico na Educação PréEscolar. Porto Alegre: Artmed, 1992

FRIEDMANN, Adriana. O Brincar na Educação Infantil. São Paulo: Moderna, 2012

GOLDSCHMIED, JACKSON, Elinor, Sonia. Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche. Porto Alegre: GrupoA, , 2006

MAFRA, Regina Maria Ruiz. Linha e Rodinha: Exercícios para Expressão Corporal, Musical, Psicomotricidade, Recreação e Linha.2º ed. São Paulo. Ed. Loyola 2012

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002

MARANHÃO, ABBUD, ZURAWSKI, FERREIRA, AUGUSTO, Zilma Ramos de, Damaris, Ieda, Maria Paula, Marisa Vasconcelos, Silvana. O trabalho do Professor na Educação Infantil. São Paulo: Biruta, 2012

PICOLLO, MOREIRA, Vilma Lení Nista, Wagner Wey. Corpo em Movimento na Educação Infantil. São Paulo: Telos, 2012

